

# A vingança do gato preto



*Sabrina e Karoline*

## Biografia

Karoline Martins do Carmo, nascida em 18/04/2009 em Marabá - Pará, tenho 14 anos de idade e estou no 9º ano do ensino fundamental. pretendo me formar em medicina.

Sabrina costa Silva nascida em Marabá-Pará no dia 25/11/2008 tenho 14 anos estou fazendo o 9ºano do ensino fundamental. Pretendo me formar em gastronomia.

Passei a maior parte do tempo com eles e nunca me senti tão feliz como quando os alimentei e acariciei. Essa peculiaridade de caráter aumentou com o meu crescimento e, na idade adulta, derivou dela uma das minhas principais fontes de prazer. Para aqueles que dedicaram afeição a um cão fiel e inteligente, tenho pouca dificuldade em explicar a natureza da recompensa derivada disso.

Destaquei-me, desde a infância, pela docilidade e humanidade de caráter. Minha ternura de coração era tão notável que me tornou motivo de chacota entre meus companheiros. Para aqueles que dedicaram afeição a um cão fiel e inteligente, tenho pouca dificuldade em explicar a natureza, ou intensidade, da recompensa que daí deriva.

Casei-me ainda moço e tive a felicidade de encontrar em minha mulher um caráter adequado ao meu.



Ao falar da inteligência dele, minha mulher, que no íntimo não tinha nem um pouco de superstição, fazia frequentes alusões à antiga crença popular que olhava todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas.

Não que ela se mostrasse jamais séria a respeito desse ponto e eu só menciono isto, afinal, pelo simples fato de, justamente agora, ter-me vindo à lembrança.

Torna-me dia a dia mais taciturno,  
mais irritável, mais descuidoso dos  
sentimentos alheios. Plutão -  
assim se chamava o gato - era o  
meu preferido e companheiro. Era  
mesmo dificuldade que eu  
conseguia impedir-lo de me  
acompanhar pelas ruas.

Certa noite, de volta à casa, bastante embriagado, de uma das tascas dos subúrbios, supus que o gato evitava minha presença. Tirei do bolso do sobretudo um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei-lhe um dos olhos! Mas era, quando muito, uma sensação fraca e equívoca e a alma permanente insensível.





Enquanto isso, o gato, pouco a pouco, foi sarando. Enforquei-o porque sabia que ele me tinha amado.

e porque sentia que ele não me  
tinha dado razão para ofendê-lo.  
Desse espírito não cuida da  
filosofia.



Não tenho fraqueza de tentar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade”, diz. “Estou relatando uma cadeia de fatos e não quero que nenhum erro possível passe despercebido. Visitei os escombros no dia seguinte ao incêndio e vi, como que gravada em baixo-relevo, na superfície branca, uma figura de um gato gigante.

Ao alarme de fogo, esse jardim se enchera imediatamente de povo e alguém devia ter cortado a corda, que prendia o animal à árvore e o lançara por uma janela aberta, dentro de meu quarto. A queda de outras paredes tinha comprimido a vítima de minha crueldade de encontro à massa do estuque, colocado de pouco, cuja cal, com as chamas e o amoníaco do cadáver, traçará ali então a imagem, tal como a vi.



Acordei a cada instante de sonhos de terror indescritível para sentir o hálito quente daquela coisa em meu rosto, e seu peso enorme, a encarnação de um pesadelo, que não tive forças para repelir, oprimindo meu coração eternamente! Sob a pressão de tormentos como esses, os débeis restos de bondade em mim sucumbiram. E então eu era realmente um miserável, mais miserável do que a miséria Humana!

Certo dia ela me acompanhou, para alguma tarefa doméstica, até a adega do velho prédio que nossa pobreza nos competirá a ter de habitar. Erguendo um machado, e esquecendo na minha cólera o medo pueril, que tinha até ali sustido minha mão, descarreguei um golpe no animal, que teria, sem dúvida, sido instantaneamente fatal, se eu o houvesse assestado como desejava.

Espicaçado por essa intervenção, com uma raiva mais do que demoníaca, arranquei meu braço de sua mão e enterrei o machado no seu crânio. Sabia que não podia removê-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Em outro, resolvi cavar uma cova para ele, no chão da adega.





Além disso, em uma das paredes havia uma saliência causada por uma falsa chaminé ou lareira, que fora tapada para não se diferenciar do resto da adega.

Por meio de um gancho desalojei facilmente os tijolos e, tendo cuidadosamente depositado o corpo contra a parede interna, sustentei-o nessa posição, enquanto, com pequeno trabalho, repus toda a parede no seu estado primitivo; tendo procurado argamassa, areia e fibra.

Com todas as precauções possíveis preparei um estuque que não podia ser distinguido do antigo e com ele, cuidadosamente, recobri o novo entijolamento.

A parede não apresentava a menor aparência de ter sido modificada.

É impossível descrever ou imaginar a profunda e abençoada sensação do alívio que a ausência da detestada criatura causava no meu íntimo. Mas parecia que o manhoso animal ficara alarmado com a violência de minha cólera anterior e evitava arrostar a minha raiva do momento.

Tratei, em seguida, de procurar o animal, que fora causa de tamanha desgraça pois resolvera afinal decididamente matá-lo. E assim, por uma noite pelo menos, desde que ele havia entrado na casa, dormi profunda e tranquilamente.

No quarto dia, depois do crime, chegou, bastante inesperadamente, à casa, um grupo de policiais, que procedeu de novo à rigorosa investigação dos lugares. Ardia por dizer pelo menos uma palavra, a modo de triunfo, e para tornar indubitavelmente segura a certeza neles de minha inculpabilidade.



A propósito, cavalheiros, esta é uma casa muito bem construída... (no meu violento desejo de dizer alguma coisa, com desembaraço, eu mal sabia o que ia falando) - posso afirmar que é uma casa excelentemente bem construída. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário chispante, estava assentado o horrendo animal



cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora me havia apontado ao carrasco. E aí, por simples frenesi de bravata, bati pesadamente com uma bengala, que tinha na mão, justamente naquela parte do entijolamento, por trás do qual estava o cadáver da mulher de meu coração.

- Senhores - disse por fim, quando o grupo subia a escada.

- Sinto-me encantado por ter desfeito suas suspeitas.

# Agradecimento

agradecemos o professor Rogério e a professora Edileusa por nós apresentar esse livro. A inspiração do livro foi O gato preto de Edgar Allan Poe.